

A Epigrafia na Faculdade de Letras de Coimbra e o Magistério do Doutor José d' Encarnação

Jorge de Alarcão | CEAACP - Universidade de Coimbra

Na década de 1950, quando frequentei, na Faculdade de Letras de Coimbra, o curso de Ciências Históricas e Filosóficas, era reduzido o ensino da Epigrafia. Esta disciplina era apenas semestral, com uma aula semanal de 45 minutos.

Regia então essa disciplina o Doutor Joseph Maria Piel. Excelente romanista, a quem os estudos de linguística e de toponomástica muito devem, não era um epigrafista.

Mais tarde, quando eu já tinha completado o curso, a Epigrafia viria a ser regida por um reconhecido paleógrafo e historiador, o Doutor Avelino de Jesus da Costa.

Não é necessário ser-se especialista para ensinar bem uma matéria. Por vezes, um especialista até ensina mal, enquanto um

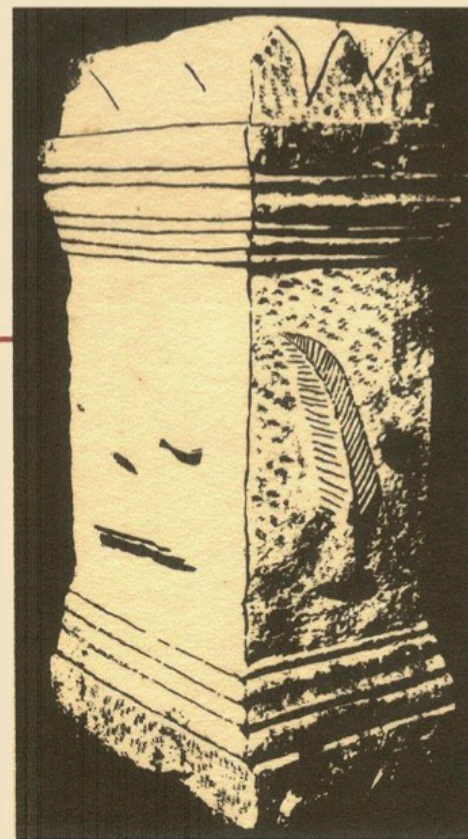
não-especialista (como era qualquer um dos citados professores) pode ensinar a matéria com a maior proficiência.

De qualquer forma, nem o Doutor Joseph Maria Piel, nem o Doutor Avelino J. da Costa se contam entre os epigrafistas portugueses; e também não motivaram alunos a dedicarem-se a estes estudos.

Tudo mudou em 1975. Responsável (entre outros) pela reforma dos estudos na Faculdade de Letras de Coimbra após a Revolução do 25 de Abril, e consciente da importância da Epigrafia, promovi-a a disciplina anual.

A quem havia de ser entregue a regência da cadeira?

DIVINDADES INDIGENAS SOB O DOMINIO ROMANO EM PORTUGAL



JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

2ª EDIÇÃO

COIMBRA • 2015

Um jovem que se havia licenciado na Faculdade de Letras de Lisboa com uma tese sobre *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* — tese baseada em inscrições cuidadosamente revistas — era a escolha óbvia.

Foi assim que o Dr. José d'Encarnação veio ensinar para Coimbra.

Incapaz de o orientar numa matéria em que me sentia leigo, sugeri-lhe um estágio em Bordéus, com o Prof. Robert Étienne. Foi aí que José d'Encarnação aprendeu bem o ofício de ler, transcrever e comentar uma inscrição latina.

Com uma notável capacidade pedagógica, o Doutor José d'Encarnação fez o que em nenhuma escola universitária portuguesa se havia conseguido: pôs alunos (e muitos não alunos) a descobrirem, lerem e publicarem inscrições; em suma, formou discípulos.

Como ele mesmo escreveu, *o que conta na vida de um docente são as sementes que lançou*.

Lançou muitas, que frutificaram. Primeiro na revista *Conimbriga*, e depois no *Ficheiro Epigráfico*, publicaram-se centenas de inscrições inéditas, aumentando muito significativamente o corpus das inscrições romanas de Portugal. Mesmo quando os artigos publicados não têm, como coautor, o nome de José

d'Encarnação, sempre foi este quem apoiou a publicação, ajudando a resolver os problemas de leitura, interpretação e comentário onomástico e histórico. Aos autores portugueses vieram juntar-se espanhóis que viram no *Ficheiro Epigráfico* um meio internacionalmente credível de verem rapidamente publicadas as suas descobertas.

A Arqueologia, a Epigrafia e a Numismática sempre sofreram, em Portugal, da falta de uma escola. Se tivemos, desde finais do séc. XIX, notáveis investigadores, que discípulos formaram ou deixaram?

O Doutor José d' Encarnação formou escola. Aposentado há já uns anos, continua a publicar e a orientar outros que vão revelando, todos os anos, novas inscrições. A sua docência continua para além da jubilação.

Pela sua aposentação, ficou o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra sem docente especializado. Consciente da necessidade de uma tradição para que uma ciência se possa desenvolver sem hiatos que obrigam a um constante recomeçar, o vazio sempre me preocupou. Felizmente, não concluí a minha carreira de arqueólogo sem ver o lugar reocupado por um dos discípulos de José d'Encarnação: o Doutor Armando Rededor continuará a tarefa que José d' Encarnação iniciou em 1975.